

Bibliotecários e relações de gênero no Brasil e Portugal

Libraries and gender relationships in Brazil and Portugal

Bibliotecas y relaciones de género en Brasil y Portugal

Maria Mary FERREIRA¹

Correspondência

Autor para correspondência: Maria Mary Ferreira
Endereço completo: Rua da Macaúbas,
Quadra 13 - Casa 3 - Jardim São Francisco-
São Luís - MA -CEP.: 65.076-180
E-mail: mmulher13@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4965-1528>



Submetido em: 01/12/2019

Aceito em: 02/01/2020

Publicado em: 22/05/2020

¹ Pós- doutora em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais pela Universidade do Porto/Portugal e Doutora em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professora Associada do Departamento de Biblioteconomia e do Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas-UFMA.

Resumo

O estudo se propõe discutir sobre as condições de trabalho e relações de gênero dos bibliotecários no Brasil e em Portugal. Os estudos de gênero contribuem para desvendar e retirar da invisibilidade a presença das mulheres nas esferas públicas e privadas. Permite compreender como as relações de gênero perpassam o mundo social e político, como interfere nas profissões, nos salários e nos cargos de representação e poder. A pesquisa foi desenvolvida no Brasil e em Portugal em 2018-2019. Trata-se de um estudo qualitativo envolvendo 109 bibliotecários brasileiros e portugueses. Os dados demonstram que a profissão de bibliotecária no Brasil e em Portugal ainda é predominantemente feminina, embora perceba-se que os homens começam a se interessar pela profissão no Brasil. Em Portugal a profissão vem sendo gradativamente substituída pela de cientista da informação, porém percebe-se que as mulheres também se constituem maioria neste campo de saber. Os resultados apontam que o gênero é compreendido como categoria que explica as relações desiguais na profissão bibliotecária, mas há ainda um número significativo de bibliotecários (41%) brasileiros e 32% portugueses que afirmam não perceber diferenças entre o ser homem e ser mulher na profissão, contraditoriamente reconhecem que as mulheres enfrentam mais dificuldades para conciliar a vida doméstica, com a vida profissional neste campo de atuação, especialmente quando são mães.

Palavras-Chave: Gênero. Bibliotecários. Brasil. Portugal.

Abstract

The study proposes to discuss the working conditions and gender relations of librarians in Brazil and Portugal. Gender studies contribute to unveiling and removing invisibility from women in the public and private spheres. It allows us to understand how gender relations permeate the social and political world, how it interferes with professions, wages and positions of representation and power. The research was developed in Brazil and Portugal in 2018-2019. This is a qualitative study involving 109 Brazilian and Portuguese librarians. The data show that the profession of librarian in Brazil and Portugal is still predominantly female, although it is noticed that men begin to take an interest in the profession in Brazil. In Portugal the profession has been gradually replaced by that of information scientist, but it is noticed that women also constitute a majority in this field of knowledge. The results indicate that the gender is understood as a category that explains unequal relations in the librarian profession, but there are still a significant number of librarians (41%) in Brazil and 32% in Portuguese who do not perceive differences between being a man and being a woman in the profession, contradictly recognize that women face more difficulties to reconcile domestic life with professional life in this field, especially when they are mothers.

Keywords: Gender. Librarians. Brazil. Portugal.

Resumen

El estudio tiene como objetivo discutir las condiciones de trabajo de los bibliotecarios y las relaciones de género en Brasil y Portugal. Los estudios de género contribuyen a revelar y eliminar la presencia de mujeres en las esferas públicas y privadas de la invisibilidad. Nos permite comprender cómo las relaciones de género impregnan el mundo social y político, cómo afecta las profesiones, los salarios y los puestos de representación y poder. La investigación se desarrolló en Brasil y Portugal en 2018-2019. Este es un estudio cualitativo con 109 bibliotecarios brasileños y portugueses. Los datos demuestran que la profesión de bibliotecario en Brasil y Portugal sigue siendo predominantemente femenina, aunque está claro que los hombres están comenzando a interesarse en la profesión en Brasil. En Portugal, la profesión ha sido reemplazada gradualmente por la de científico de la información, pero está claro que las mujeres también son la mayoría en este campo del conocimiento. Los resultados indican que el género se entiende como una categoría que explica las relaciones desiguales en la profesión bibliotecaria, pero todavía hay un número significativo de bibliotecarios brasileños y 41% portugueses (32%) que dicen que no perciben diferencias entre ser hombre y ser mujer en la profesión. , reconocen contradictoriamente que las mujeres enfrentan más dificultades para conciliar la vida doméstica con la vida profesional en este campo, especialmente cuando son madres.

Palabras clave: 1. Género; 2. Bibliotecarios; 3. Brasil 4. Portugal.

1 INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre a informação, suas diferentes formas de gestão, uso e aumento imensurável do volume de documentos produzidos em diferentes suportes, logo nos chama a atenção sobre o responsável por este campo de conhecimento: o bibliotecário, profissional que atua na organização, sistematização, e disseminação da informação para atender diferentes públicos, de acordo com os interesses e demandas de cada segmento:.

A profissão do bibliotecário nasce dessa perspectiva: organizar o conhecimento para que a sociedade possa ter acesso

a produção intelectual e artísticas produzidos por homens e mulheres em diferentes contextos e localidades.

A importância e dimensão social e política do trabalho do bibliotecário é ainda pouco conhecido por parcelas significativas da sociedade, porém, é importante destacar que a prática profissional do bibliotecário é uma realidade desde a antiguidade com os filósofos, considerados verdadeiros bibliotecários na arte de preservar a informação e o conhecimento e os antigos copistas que ao transcrever e duplicar livros contribuíram para a multiplicação dos documentos que possibilitaram a guarda e socialização do saber para as gerações posteriores.

A profissão do bibliotecário surge com as bibliotecas e a necessidade de organizar e sistematizar o conhecimento. Sua ascensão na antiguidade com as grandes bibliotecas, restritas aos reinos e depois na Idade Média restrita aos conventos e mosteiros contribuiu em grande parte para que esta profissão ou o fazer bibliotecário fosse visto como um campo restrito à nobreza, aos clérigos e posteriormente às elites. Acontecimentos como a descoberta da prensa por Gutenberg (1455), a Reforma Protestante realizada por Martinho Lutero, a Revolução Francesa (1789) que traz o ideário de igualdade, liberdade e fraternidade e pôr fim a revolução industrial (1750-1840) que permite que os livros fossem editados em escala industrial, possibilitaram a propagação do livro e conseqüentemente a criação de bibliotecas no mundo (FEBVRE; MARTIN, 1992).

A fabricação dos livros em larga escala começa a ser popularizados pelo mundo, e com eles a necessidade de construir bibliotecas, espaços de leitura, antes restritas aos reinos, mosteiros, conventos. Embora durante séculos elas tenham sido inacessíveis às camadas sociais menos favorecidas, entretanto, não se pode negar que cumpriram e cumprem um papel importante na história social. Não se deve esquecer porém, que sua interdição aos não cidadãos: mulheres, escravos, negros e pobres, contribuiu para o número crescente de analfabetos, para a pouca inserção das mulheres e negros no mundo público. Ao lado disso as bibliotecas foram se constituindo como espaços de elite, em ambientes restritos aos que dominavam a palavra escrita.

O livro contribuiu para que o conhecimento e a informação circulassem, saíssem das clausuras, dos conventos e dos palácios. O aumento imensurável do volume de livros suscitou a necessidade de guarda, de preservação, organização, classificação, socialização. São os bibliotecários e as bibliotecárias que irão cumprir esta função, dada a necessidade organizar um número cada vez mais crescentes de volume de conhecimentos em um mesmo espaço. São as bibliotecas e os bibliotecários que dão sentido as coleções a partir da organização em campos de saber e gêneros literários, autores, títulos, localidades e outras formas de organização que permite aos usuários localizar a informação, o livro, a revista de acordo com seu interesse de pesquisa e informação.

O surgimento das bibliotecas como mencionado, contribuiu para a emergência da profissão do bibliotecário, responsável pela organização e democratização do livro, da leitura e da informação. É esse profissional que ao longo do Século XX vem cumprindo este papel, embora ainda restrito a maioria da população. Ao comentar sobre o papel do bibliotecário Ríos destaca que:

El bibliotecólogo tiene un compriso social, al igual que el médico, elingeniero o el sacerdote; su comprimiso en primera instancia esconlos usuarios de lainformación, a quien estiene el deber de otorgar servicios que hagan propicio sud esarrollo; enseñando a losniños a disfrutar de la lectura, a mantener ese informados o a solucionar problemas cotidianos (RÍOS, 2006, p. 63).

A profissão do bibliotecário que emerge inicialmente na Europa e Estados Unidos começa a se expandir para o resto do mundo no início do Século XX com a criação dos primeiros Cursos de Biblioteconomia. É uma profissão que nasce masculina, porém, ao longo do Século XX a profissão de bibliotecário vai se feminizando, despertando grande interesse das mulheres que começam a entrar nos mercados de trabalho quando viram nesta profissão um campo de saber importante e “adequado”.

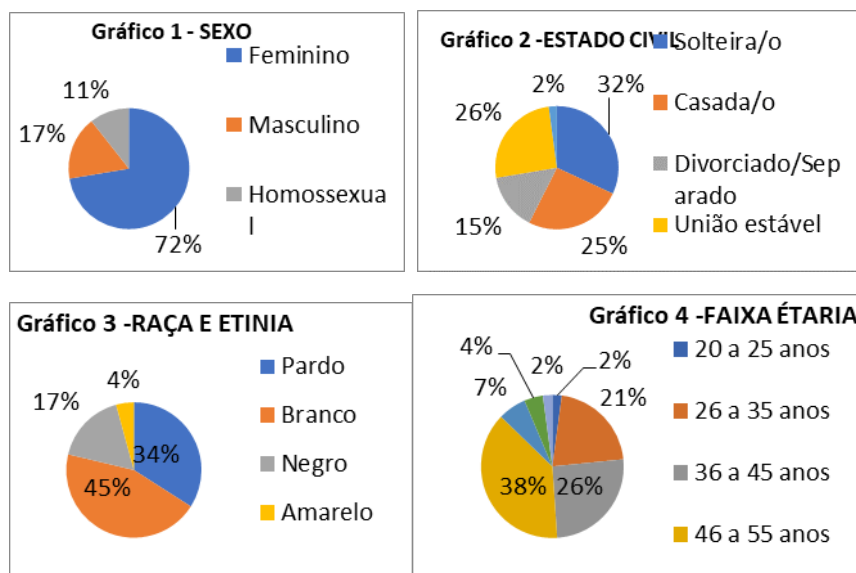
A partir deste contexto a proposta deste artigo é refletir sobre a profissão do bibliotecário no Brasil e em Portugal, e como estes profissionais percebem as relações de gênero no atual contexto. Para melhor compreensão artigo dividimos em três itens incluindo a introdução que se constitui o primeiro item desta parte do trabalho, no segundo item descrevemos os

procedimentos metodológicos que possibilitam compreender o percurso para coletar os dados e para posterior análise. O terceiro subitem discute-se através de diálogo com os autores e dados coletados, as reflexões sobre a percepção dos bibliotecários sobre o gênero no contexto da Biblioteconomia.

2 A METODOLOGIA OU COMO ESTÃO REPRESENTADOS OS BIBLIOTECÁRIOS BRASILEIROS E PORTUGUESES NA PESQUISA

Este artigo é parte do Relatório de Pesquisa realizada no Pós-doutoramento na Universidade do Porto em Portugal em 2019. O estudo de campo foi precedido de pesquisa bibliográfico com uso de métodos qualitativos que permitiu compreender com mais profundidade questões referentes a profissão e as relações de gênero que perpassam o mundo do trabalho nos Países investigados. Os métodos de coleta utilizados foram quantitativos e qualitativos tendo em vista a importância de construir indicadores que traduza a realidade das/os bibliotecários/as brasileiros/as e portugueses/as, assim como analisar o fenômeno a partir de dados reais. O levantamento bibliográfico, ponto de partida deste estudo, foi realizado durante toda a pesquisa no sentido de aprofundar a temática. Concomitante foram levantados dados junto as instituições ou associações de classe no Brasil e em Portugal e informações gerais sobre o profissional bibliotecário, foram entrevistados 109 bibliotecários, sendo 67 brasileiros e 42 portugueses. Pelos gráficos de 1 a 6 apresentados a seguir demonstramos que o

perfil de nossos entrevistados brasileiros é composto por 51 mulheres, 11 homens, 5 que se identificaram como homossexuais. A maioria são solteiras e pardas e estão na faixa etária de 46 a 55 anos.



Os bibliotecários portugueses que contribuíram para fundamentar dados nesta pesquisa tem o seguinte perfil: a maioria ou 77% dos entrevistados se identificou como mulher (98%) se declarou branco e 4 % não declarou a raça e etnia, fato que comprova que a profissão de bibliotecários em Portugal é maciçamente formada por pessoas brancas, essa realidade também foi observada nas visitas que fiz as instituições. Quando questionava se havia profissionais negros naquela instituição, sempre ouvi respostas negativas. O gráfico 5 aponta que diferente do Brasil os bibliotecários portugueses são a maioria casados ou vivem em união estável (57%) e 29% são divorciados ou separados. Somente 14 % são solteiros. Esse dado pode estar relacionado a faixa etária da maioria dos entrevistados que

tem entre 56 e 65 anos. O número de jovens que participaram da pesquisa em Portugal foi de apenas 7%, o que denota o envelhecimento dos profissionais desta área no País, que se acentua pelas mudanças nos regimes de trabalho, reforma da previdência implantada e aposentadoria no setor público em Portugal.

3 O GÊNERO NA PROFISSÃO DE BIBLIOTECÁRIO: diferenças e semelhanças entre Brasil e Portugal

Os estudos de gênero têm contribuído para compreender que a exclusão das mulheres no mundo público, a subalternidade das funções que exerce, a sub-representação nos espaços e cargos decisórios é uma construção social e histórica, pensada, elaborada e reproduzida através de mecanismos e práticas entre os quais a educação, a política, o trabalho, a religião.

Esses estudos objetivam desvendar os processos de subalternização produzidos para submeter as mulheres, em diversos contextos, a situações que as inferiorizaram, silenciaram, degradaram e excluíram, sob argumentos que negavam sua condição de sujeito. Os estudos de gênero permitem compreender também as relações no mundo do trabalho no qual as mulheres estão em geral associadas a profissões pouco reconhecidas, desvalorizadas e em grande parte associadas a salários mais baixos, é o caso, por exemplo, das empregadas domésticas, das professoras do ensino básico, das assistentes sociais, e das bibliotecárias. Além dos fatos

mencionados observa-se que nas profissões de nível superior, os estudos de gênero têm demonstrado as dificuldades das mulheres de competirem no mercado de trabalho em igualdade de condições com os homens, nesta situação “as relações de poder tem sido um fator preponderante na definição de cargos de direção em que as mulheres estão em grande parte sendo gerenciadas por homens.” (FERREIRA, 2010, p.4).

Ao determinar papéis masculinos e femininos a sociedade segregou as mulheres no mundo do privado, no cuidado com a casa, com os filhos, retirando-lhe a possibilidade de interferir no mundo dos homens, o mundo público, cujos domínios os homens mantêm, ao longo dos séculos. Nesta divisão desigual e sexual, as mulheres passaram a assumir os lugares mais inferiorizados, invisíveis, subalternos. Ao discutir esta divisão Hirata e Kergoat nos esclarecem que:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e societalmente. Tem como característica a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções como maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares, etc). (HIRATA; KERGOAT, 2008, p. 266).

A opressão decorrente dessa divisão exerce uma dupla exploração sobre as mulheres, na medida em que são exploradas no mundo da casa e no trabalho de todo dia, sem reconhecimento. O trabalho doméstico é um trabalho que lhes

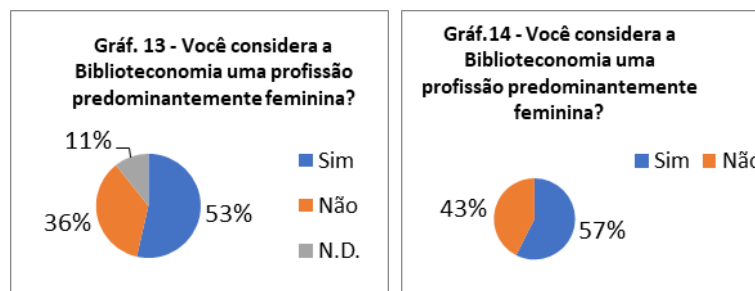
retira a capacidade de pensar e de participar da vida social e política, como seus companheiros, as duplas jornadas de trabalho as enclausurou e ainda as inclausura, impedindo-as de estar, nos partidos, nos sindicatos, nos bares, nas praças, ou seja, lhes foram interditados o direito de participar dos debates, da vida social e política e assim intervir nos seus destinos.

Para entender a permanência desta segregação e exclusão, assim como as escolhas profissionais e os baixos salários das mulheres, o conceito de gênero é estratégico enquanto categoria de análise para compreender como foram construídas as desigualdades entre os homens e as mulheres. Por ser relacional esta categoria traz à tona as relações sociais entre os sexos, permite perceber como se articulam e como estão impregnadas de valores nas instituições entre as quais os partidos políticos, as igrejas, os legislativos e o judiciário que se transformaram em sustentáculos do modelo patriarcal que eleva a figura masculina à condição de decidir sobre as mulheres, excluindo-as dos processos históricos, das representações sociais e do mundo do trabalho (SCOTT, 1996).

A partir desta explicação podemos afirmar que a categoria gênero é estratégia para a discussão do trabalho dos bibliotecários e das bibliotecárias tendo em vista que é uma profissão predominantemente feminina, pouco reconhecida que atua em campos ainda pouco demandados pela sociedade, embora essa realidade não seja analisada por grande parte dos que vivenciam esta profissão.

3.1 Bibliotecários: uma profissão feminina? O que pensam os profissionais

Ao questionar se consideram uma profissão predominantemente feminina os entrevistados (53%) em Portugal e 57% dos brasileiros responderam afirmativamente, embora apresentem um número bastante significativo de brasileiros 43% e de portugueses 36%, que não consideram ser uma profissão predominantemente feminina, o que não supreende pelo fato de que o debate sobre a questão de gênero ainda não teve a devida repercussão na profissão.



No Brasil os estudos na Biblioteconomia e Ciência da Informação com recorte desta temática teve um relativo impulso nesta última década (2008-2019). Observa-se isso pelo número de estudos publicados e pelo interesse crescente pelo tema. Em Portugal embora não haja muitos estudos com essa abordagem, observa-se que há uma consciência de gênero mais acentuada entre as bibliotecárias.

Os primeiros estudos sobre trabalho das mulheres no Brasil focalizou exclusivamente o trabalho feminino na esfera da produção. Esses estudos não levaram em conta que o lugar que a mulher ocupava e ainda ocupa no mundo do trabalho é

determinado pelo seu papel na família e reflete de forma direta sua inserção nos mercados. Ao comentar o tema Esmeraldo (1998, p.150) enfatiza que: “Os papéis atribuídos sexualmente à mulher na família e na sociedade são mantidos pelos pais, pelos maridos que, embora permitindo a sua entrada no mercado de trabalho, mantêm sobre ela o controle para possíveis vãos em outros espaços”. Para Moraes (2003, p. 497):

[...] é preciso reconhecer como o sistema familiar e a organização econômica, os sistemas jurídicos e religiosos concebem o lugar que a mulher deve ocupar na sociedade. Veremos que a ideologia do “próprio para as mulheres” afeta a inserção da mulher na esfera do trabalho remunerado e a sobrecarrega com a responsabilidade de cuidar das crianças e da casa.

Este debate envolve um campo fértil, ainda pouco explorado pelas bibliotecárias e bibliotecários, que parecem desconhecer e até ignorar que existe uma divisão sexual do trabalho que determina escolhas profissionais, que naturaliza a opressão e a desigualdade entre os gêneros. As raízes dessa opressão e dessa divisão deve ser buscada na família e na sociedade que o exterioriza para os campos de trabalho: a fábrica, as empresas públicas, as bibliotecas e os diversos campos de atuação profissional.

Uma das questões que interrogamos os biblioteários foi sobre se a condição de ser mulher ou ser homem tinha atrapalhado de alguma forma seu desempenho profissional. Foi uma questão com múltiplas escolhas dos entrevistados. Os resultados dizem muito sobre a visão e o que pensam os

bibliotecários brasileiros e portugueses conforme se observa no gráfico 15 e 16

Os dados coletados na pesquisa em Portugal evidenciam mudanças, quando 39% dos entrevistados portugueses reconhecem que a vida das mulheres é mais difícil, principalmente quando tem filhos. As falas das entrevistadas ilustra muito bem esta assertiva ao enfatizarem que: “[...] Tem que ter uma logística montada para facilitar a vida das mulheres, hoje já não há a família (mãe, avó) para ajudar. É difícil para as mulheres constituírem carreira e constituírem família.” (bibliotecária portuguesa, 2018).

[...] A vida de ser mulher e mãe em Portugal são péssimas, pois o Estado não dá condições, as condições são péssimas. Para mim que tenho 3 filhos foi difícil, os meus filhos tinham que ficar com a avó. Hoje eu sinto o desgaste das dificuldades de conciliar a vida doméstica e com a vida profissional. Não há infraestrutura de ajuda para que a mãe possa trabalhar.(Bibliotecária portuguesa, 2018).

No Brasil, a percepção é menor pois apenas 26% consideram que a vida das mulheres é mais difícil, conforme pode ser confrontado nos dois gráficos. Observa-se, também, que surpreendentemente os entrevistados brasileiros (41%) afirmam não perceber diferenças entre o ser homem e ser mulher na profissão, enquanto 32% das portuguesas também parece desconhecer as dificuldades que as mulheres enfrentam para se firmarem em uma profissão.

Nas perguntas diretas observamos entretanto que há clareza de muitas bibliotecárias brasileiras sobre as

desigualdade de gênero ao afirmar que: “[...] a mulher em sua maioria tem dupla jornada de trabalho o que torna sua vida difícil e cansativa” (bibliotecária brasileira, 2019). Ao comentar as dificuldades que vivencia como mãe e bibliotecária observa-se que esta é uma discussão que não tem emergido com frequência no contexto da profissão:

[...] As dificuldades das mulheres são infinitamente maiores que as dos homens, principalmente quando tem filhos. Se a criança adocece, e precisa de cuidado, é a mãe que tem que levar ao médico... não tem outro jeito, a gente tem que ficar com a criança, pois não temos com quem deixar. Essa questão é complicada, por que quem é que vai cuidar do seu filho? Você. E você vai faltar o trabalho naquele dia. E você vai ser julgada também por isso.(Bibliotecária brasileira, 2019)

Este é um problema que tem levado muitas mulheres a optarem por não construírem famílias. Nos dois países a queda de natalidade é bastante elevada, no Brasil está na ordem de 1,73 nascimentos por mulher (2016) e em Portugal a taxa foi negativa. “Há uma queda de 1,8 habitantes por cada mil nascimento” afirma Nuno Carregueiro (2018).

Ao refletir sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho observamos que este é marcado por preconceitos, exclusões e discriminações cujos reflexos se dão em um primeiro momento pela forma como as mulheres se inseriam, no início do Século XX, “eram permitidas às mulheres apenas algumas profissões, sobretudo aquelas mais substancialmente ligadas à reprodução, de uma forma ou de outra significavam uma extensão das atividades domésticas”. (FERREIRA, 2003, p. 192).

Em um segundo momento essa discriminação se dá pelos salários desiguais, pela pouca inserção das mulheres em cargos de poder e ou de chefia, como bem evidencia o quadro I que demonstra a pouca inserção de mulheres no principal espaço de poder da classe bibliotecária no Brasil: a Biblioteca Nacional. O quadro I desnuda as desigualdades nas esferas do poder no contexto dos campos de atuação do Bibliotecário. As mulheres foram dirigentes em apenas quatro mandatos: 1971 - Janice Melo Montelo em 1971, 1982 - Célia Zaher em 1982 e 1984 - Maria Alice Barroso e Helena Severo (2016-2019), conforme se observa no quadro 1 onde se evidencia a cultura patriarcal que marca a escolha dos dirigentes desta instituição centenária.

Quadro 1 - Dirigentes da Biblioteca Nacional (RJ) 1810-2019

AN O	DIRIGEN TE	AN O	DIRIGEN TE	AN O	DIRIGENT E	ANO	DIRIGEN TE
181 0	Frei Gregório Viegas	18 82	João Gama	194 5	Rubem B. Moraes	1984	Maria Alice Barroso
182 1	Luiz Marrocos	18 89	Francisco Sampaio	194 8	Josué Montelo	1990	Affonso Romano
183 1	Conego Antônio Delgado	18 94	Raul Pompeia	195 6	Celso Cunha	1996	Eduardo Portela
184 6	Jose de Assis Barreto	19 00	Cícero Peregrino	196 0	José Elísio Condé	2009	Muniz Sodré
185 3	Frei Camilo de Monserrat	19 24	Mário C. Behring	197 1	Janice de Melo Montelo	2011	Galeno Amorim
187 0	Ramiz Galvão	19 34	Rodolfo Garcia	198 2	Célia Zaher	2013	Renato Lessa
						2016	Helena Severo

Fonte: Elaborado a partir dos dados de Carvalho (1994) site Biblioteca Nacional (2018).

O quadro 1 retrata como as relações de gênero são imperceptíveis pelos bibliotecários brasileiros, tendo em vista que ao responderem não perceber diferenças entre o ser homem e ser mulher na profissão ou “não enfrentei nenhuma dificuldade para exercer a profissão”, parecem desconhecer que vivemos em uma sociedade patriarcal, que nega a importância e valor das mulheres, excluindo dos cargos de representação e de poder. Em outros órgãos ligados ao campo da biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil, a exemplo do IBICT, isso também se evidencia. Ou seja, a maioria dos dirigentes que gerenciaram essa instituição foram homens, isso não seria tão grave se não fosse o fato de que a profissão é composta em sua maioria por mulheres. Situação semelhante também foi observada em Portugal. Grande parte das bibliotecas universitárias: Coimbra, Porto, Lisboa, tem como dirigentes homens, muitos deles não qualificados para a área, ou seja, não são bibliotecários.

Apresentamos no Quadro 2 os dirigentes que administraram a principal biblioteca do País: Biblioteca Nacional observa-se que em duzentos e vinte e três anos de existência esta importante biblioteca foi dirigida por mulheres somente em dois momentos: No período de 1990-1996 e em 2011-2019 pela bibliotecária Maria Leonor Machado de Sousa.

Quadro 2 - Dirigentes da Biblioteca Nacional Portugal 1796-2017

PERÍODO DIRIGENTE /	PERÍODO DIRIGENTE /	PERÍODO DIRIGENTE /	PERÍODO DIRIGENTE /
1796-1816 – António Ribeiro dos Santos	1857-1886 – José da Silva Mendes Leal	1927 – Fidelino de Figueiredo (2. ^a vez)	1985-1990 – Manuel Villaverde Cabral
1816-1834 – Joaquim José Ferreira Gordo	1886-1887 – António José Enes	1928-1950 – Augusto Botelho da Costa Veiga	1990-1996 – Maria Leonor Machado de Sousa
1834 – Joaquim Larcher	1887-1902 – Gabriel Pereira	1950-1951 – João Martins da Silva Marques	1996-1998 – Francisco Bethencourt
1834-1843 – Vasco Pinto de Sousa Coutinho (4. ^o visconde de Balsemão)	1902-1911 – Xavier da Cunha	1951-1974 – Manuel Santos Estevens	1998-2002 – Carlos Reis
1843-1846 – José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha (1. ^a vez)	1911-1918 – Faustino da Fonseca	1974-1976 – António Henrique de Oliveira Marques	2002-2005 – Diogo Pires Aurélio
1846 – António de Oliveira Marreca	1918-1919 – Fidelino de Figueiredo (1. ^a vez)	1980-1983 – João Palma- Ferreira	2005-2011 – Jorge Couto
1846-1847 – José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha (2. ^a vez)	1919-1927 – Jaime Cortesão	1984-1985 – Vitorino Magalhães Godinho	2011 - 2019 Maria Inês Cordeiro

Fonte: Portugal (1996)

No decorrer das entrevistas observei que muitos bibliotecários mencionavam o fato de ter uma bibliotecária na direção desta biblioteca para afirmar que não tinha uma questão de gênero, porém, nenhum/a dos/as entrevistados/as enfatizou o fato de que apenas duas mulheres foram dirigentes desta biblioteca em mais de dois séculos. Ao analisar o problema

consideram que em Portugal estas relações já foram alteradas, vejamos a fala de um dos entrevistados:

Em Portugal acredito que esse paradigma já mudou, o exemplo é nossa biblioteca nacional que é dirigida hoje por uma mulher. Há muitos tempo foi dirigida por homens, mas ultimamente é uma mulher a diretora da BN. Há hoje muitas bibliotecas portuguesas dirigidas por mulheres. Na época em que entrei quase não tinha alternativa, era uma biblioteca pequena e fui o único em condições de concorrer, não era uma questão de ser homem ou ser mulher. Não vejo essa questão dentro das áreas das carreiras públicas (Bibliotecário português, 2019).

As diferenças entre gêneros no mundo do trabalho são bem acentuadas e mais perceptíveis no setor privado, visto que no setor público, há um nivelamento em virtude dos concursos públicos e pelas legislações que garantem igualdade salarial, porém, é frequente observar que os cargos de chefia ainda são escolhas marcada pelo gênero. É evidente que há relações de gênero e portanto, relações de poder nas carreiras no campo da informação, notadamente dos bibliotecários e arquivistas, embora como mencionado, não seja ainda visto como uma questão importante.

Os estudos de Castro (2000) Ferreira (2002; 2003; 2016) apontam que a entrada das mulheres nos cursos superiores se efetiva no Brasil no início do Século XX quando a estas foi permitido o acesso à educação e ao trabalho. As escolhas das mulheres foram sendo direcionada principalmente para a carreira de magistério, enfermagem, assistente social, profissões consideradas adequadas para as mulheres. Os estudos de

Schweitzer (2008, p. 371) apontam nesta direção ao afirmar que:

As mulheres sempre tiveram seu lugar no mercado de trabalho, mas ele se restringiu, e ainda se restringe em grande parte, a qualificações e ofícios específicos, frequentemente mal remunerados e dominados por uma hierarquia masculina. Esse lugar subordinado organizou-se em uma discriminação antiga, quer se tratasse do acesso às instituições de ensino e de formação, tanto clássicas quanto técnicas, ou de proibições legais à participação das mulheres em certos setores de emprego mais qualificados. Somente no final do Século XIX concebeu-se a presença de mulheres nas instituições de formação superior, seguida das reivindicações destas para negociar seus diplomas no mercado de trabalho.

As escolhas profissionais cuja inserção tem se efetivado através da educação superior continuam reproduzindo os mesmos estereótipos do século passado, ou seja, reforçam as características biológicas ou o lado maternal das mulheres, essa assertiva é discutida largamente por várias autoras a exemplo de Ferreira (2003, 2016); Louro (2003), Saffioti (1995). O debate sobre gênero na Biblioteconomia abordando a questão das escolhas profissionais foram refletidas por Botassi (1984) pioneira dos estudos de gênero na Biblioteconomia. A autora considerava que as escolhas da profissão de bibliotecária se davam (e ainda se dão) por ser: “uma profissão adequada “à nossa natureza feminina”. A autora leva em considerando que a maioria das bibliotecárias são mulheres. Para Botassi (1984) assim como para Ferreira (2003, 2015, 2019), as mulheres, de acordo com sua socialização são levadas a prestar serviços ou cuidados que em geral levam a escolhas profissionais

consideradas profissões “úteis” à sociedade, que reforçam e/ou “valorizam” sua “natureza feminina”. Nas entrevistas foi possível captar a concordância de alguns bibliotecários sobre esse fato quando enfatizam que a profissão de bibliotecários se assemelha a de professores:

[...] vista como uma profissão essencialmente feminina, ou seja, ensinar, cuidar de crianças, era visto como coisas de mulher. A visão de que Biblioteca é um lugar de arrumar está associada ao universo feminino... assim como os homens estão associados as engenharias, biologia, médico” (Bibliotecária portuguesa, 2018).

[...] A feminização da profissão de bibliotecário, assim como de outras profissões reflete na sua desvalorização e está em grande parte relacionada a forma como as pessoas percebem a profissão e a associam ao “instinto materno” (Bibliotecária brasileira, 2019).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apresentados denotam que a problemática das profissões vistas como femininas, na qual podemos destacar as profissões de bibliotecários e arquivistas, entre outras, tem sido objeto dos estudos de gênero, principalmente no Brasil nesta última década, embora se ressinta de estudos do ponto de vista econômico para avaliar como as relações patriarcais interferem nestas profissões e como estas são invisibilizadas na sociedade a partir de estereótipos que forjam modelos e contribuem para reforçar preconceitos sobre determinados grupos sociais, caso que se aplica aos bibliotecários.

Deste modo a associação com o arrumar, organizar, retrata uma visão estereotipada deste profissional, haja vista que a

sociedade desconhece os processos cientificamente trabalhados pelos bibliotecários, ou seja, desconhecem que a organização da informação obedece a critérios científicos que permitem sua recuperação e socialização. Assim, segundo Ferreira; Oliveira; Ferreira, (2016) prevalece na sociedade uma imagem distorcida, algo idealizado e propagado de uma identidade deturpada e carregada de preconceções, contribuindo deste modo para a adulteração, do perfil deste profissional e irá interferir na visão social do mesmo. Grande parte dessa distorção se explica pelos estereótipos que associam a imagem deste profissional a meros arrumadores de livros e a severidade relacionada com o controle dos acervos.

É importante compreender que a categoria gênero refere-se aos papéis veiculados por uma sociedade, esses papéis levam a determinação de lugares de homens e de mulheres e incutem comportamentos que passam a ser visto como apropriados para os homens e para as mulheres. Estes papéis e comportamentos são aprendidos pelas mulheres no processo de socialização ou domesticação como se refere Elena Beloni (1979). Ao aprenderem desde cedo que a doçura, gentileza e a passividade fazem parte de sua identidade as meninas vão incorporando modelos e passam a acreditar que nasceram para obedecer e para atuar em “profissões adequadas” ao seu temperamento. Os meninos, por sua vez, são ensinados a serem fortes, destemidos, racionais, fato que vai justificar suas escolhas por profissão ligado ao campo das ciências exatas. Desse modo vão se

consubstanciando diferenças sob a forma de estereótipos sexistas relativos aos mais diversos aspetos, incluindo o mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

BELONI, Elena. **Educar para a submissão**. São Paulo: Cortez, 1979.

BOTASSI, Mirian. Bibliotecário, profissão feminina. **Boletim da Associação Paulista de Bibliotecários**, São Paulo, 1984.

CARREGUEIRO, Nuno. Portugal é um dos países europeus com a taxa de natalidade mais baixa. **Jornal de Negócios**, 10 jul. 2018. Disponível em:

<https://www.jornaldenegocios.pt/economia/saude/detalhe/portugal-e-um-dos-paises-europeus-com-a-taxa-de-natalidade-mais-baixa> Acesso em: 12 abr. 2019.

CARVALHO, Gilberto Vilar de. **Biografia da Biblioteca Nacional (1907 a 1990)**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1994.

CASTRO, António *et al.* **O Curso de Licenciatura em Ciência da Informação**: dez anos de atividade pedagógica e científica. Porto: Universidade do Porto, 2011.

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia brasileira**: perspectiva histórica. Brasília: Thesaurus, 2000.

ESMERALDO, Gema Galgani. **O feminino na sombra**: relações de poder na CUT. Fortaleza: UFC, 1998.

FEBRVE, Lucien; MARTIN, Henry- Jean. **O aparecimento do livro**. São Paulo: UNESP; Hucitec, 1992.

FERREIRA, Maria Mary. Bibliotecários e os mercados de trabalho: condição feminina e os estereótipos reprodutores da desigualdade de gênero. *In*: MOURA, Flávia de Almeida *et al.* **Trabalho em contexto de crise**: regulação, informalidade e tendências setoriais. São Luís: EDUFMA, 2016. p.121-137.

FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo de trabalho e as relações de gênero. **Rev. Transinformação**, Campinas, v. 15, p. 189-201, 2003.

FERREIRA, Maria Mary. Políticas Públicas de bibliotecas: um balanço crítico sobre a implementação do Programa Livro Aberto no Maranhão. *In*: SIMPOSIO INTERNACIONAL SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO NA AMERICA LATINA, 3., 2010, São Paulo. **Anais[...]** São Paulo, 2010. Disponível em: www.usp.br/celacc/ojs/index.php/extraprensa/article/download/s. Acesso em: 12 abr. 2019.

FERREIRA, Maria Mary. Profissões femininas e profissões masculinas: o que é ser bibliotecário em um universo de uma profissão feminina? *In*: ENCONTRO LATINOAMERICANO DE BIBLIOTECÁRIOS E ARCHIVISTAS Y MUSEOLÓGOS, Perú. 2010. Recuperado em 23 de junho de 2010, de Disponível em: <http://ebam.gesbi.com.ar/reservorio10/ponencias2EBAM/2EBAM-E4-P2a.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2019.

FERREIRA, Maria Mary. Trabalho precário e salário dos bibliotecários no norte e nordeste brasileiro: desvendando relações de classe e gênero. *In*: MACHADO, Marcos William Kaspchak (Org). **Information Systems and Technology Management 2**. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019 p. 391-408. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/wp-content/uploads/2019/03/e-book-Information-Systems-and-Technology-Management-2-2.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2019.

FERREIRA, Maria Mary; Nascimento; Paulo Roberto; Ferreira, Lia Margarida. A imagem do bibliotecário nos desenhos animados: como são reproduzidos os estereótipos. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE GESTÃO DA TECNOLOGIA E SISTEMAS DE INFORMAÇÃO, 13., 2016, São Paulo. **Anais[...]** São Paulo, jun. 2016.

HIRATA, Helena. A divisão sexual do trabalho profissional e doméstico: Brasil, França e Japão. *In*: COSTA, Albertina de Oliveira *et al.* (Orgs.) **Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais**. Rio de Janeiro: FGV, 2008. p.263-278.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. *In*: PRIORE, Mary del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 443-481.

MORAES, Maria Lígia Quartin de. Cidadania no feminino. *In*: PINSKY, Jaime; PINSKI, Carla Bassanezi. **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 495-515.

PORTUGAL. Ministério da Cultura. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. **Guia da Biblioteca Nacional**. Lisboa: Fundação Lusoamericana para o Desenvolvimento Papéis INAPA, 1996.

RÍOS, Lina Escalona. **Formación profesional y mercado laboral**: via real havia la certificación del bibliotecólogo. México: UNAM, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SCHWEITZER, Sylvie. As mulheres e o acesso às profissões superiores, uma comparação europeia, Século XIX e XX. *In*: COSTA, Albertina de Oliveira *et al.* (orgs.) **Mercado de trabalho e gênero**: comparações internacionais. Rio de Janeiro: FGV, 2008. p. 371-386.

SCOTT, Joan. **Gênero uma categoria útil de análise histórica**. Recife: SOS corpo, 1996.